

JON MEACHAM

—PRÊMIO PULITZER—

AS ÚLTIMAS PALAVRAS DE JESUS

ACREDITAR NA GLÓRIA

Um livro sobre Jesus, sobre o Cristianismo
e sobre a relação de cada um com Deus.



FAROL

IN MEMORIAM

John Sharp Strang (1918–2003)

e

Herbert Stephenson Wentz (1934–2015)

*E, como sempre,
para a Mary, a Maggie e o Sam*

*Agora, pois, vemos apenas um reflexo obscuro,
como em espelho; mas, então, veremos face a face.*

PRIMEIRA EPÍSTOLA DE SÃO PAULO AOS CORÍNTIOS

*É muito melhor aceitarmos os ensinamentos
com razão e sabedoria do que com mera fé.*

ORÍGENES DE ALEXANDRIA

ÍNDICE



PRÓLOGO 13

A PRIMEIRA FRASE

«Pai, perdoa-lhes,
porque não sabem o que fazem.» 51

A SEGUNDA FRASE

«Em verdade te digo:
hoje estarás comigo no Paraíso.» 67

A TERCEIRA FRASE

«Mulher, eis aí o teu filho.»
«Eis aí tua mãe.» 75

A QUARTA FRASE

«Deus meu, Deus meu,
por que me desamparaste?» 83

A QUINTA FRASE

«Tenho sede!» 95

A SEXTA FRASE

«Tudo está consumado.» 105

A SÉTIMA FRASE

«Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito.»... 117

EPÍLOGO 123

AGRADECIMENTOS 135

NOTAS..... 141

BIBLIOGRAFIA 151

PRÓLOGO



No Princípio

*Mas nós pregamos a Cristo crucificado,
o qual, de facto, é escândalo para os judeus
e loucura para os gentios...*

*Mas Deus escolheu o que para o mundo
é loucura para envergonhar os sábios
e escolheu o que para o mundo é fraqueza
para envergonhar o que é forte.*

PRIMEIRA EPÍSTOLA DE SÃO PAULO
AOS CORÍNTIOS

*No mundo tereis aflições,
mas tende bom ânimo, eu venci o mundo.*

JESUS DE NAZARÉ,
EVANGELHO SEGUNDO SÃO JOÃO

Foi apenas um breve momento, uma pequena observação, aparentemente descartável, no meio da conversa mais importante da história. No Evangelho segundo São João, Jesus de Nazaré foi preso e levado à presença de Pôncio Pilatos, o governador romano da Judeia. «Logo, tu és rei?», pergunta Pilatos, e Jesus diz: «É como dizes: Eu sou rei! Para isto nasci, para isto vim ao mundo: para dar testemunho da Verdade. Todo aquele que vive da Verdade escuta a minha voz.» Então, num tom que imagino cínico e cansado da vida, Pilatos retorque: «O que é a verdade?»

Com efeito, o que é? Jesus não lhe dá qualquer resposta e a pergunta de Pilatos fica a pairar — uma dúvida em aberto no seio da versão de São João da Paixão. A procura de uma resposta desenrola-se ainda hoje, dado que a fome de verdade — quanto ao

visível e ao invisível, ao oculto e ao patente, ao desejado e ao temido — se acha entre os apetites mais fundamentais.

E essa permanente demanda de uma resposta a Pilatos tende a assumir uma forma religiosa. «Todos os homens precisam de deuses», escreveu Homero, e nada desde a antiguidade — nem a Revolução Científica, nem o Iluminismo, nem Darwin, nem *nada* — alterou o impulso dos seres humanos para organizarem histórias e criarem sistemas de crenças que se inspirem no passado, modelem o presente e prometam um futuro de justiça, misericórdia e paz. «Os deuses», escreveu o teólogo protestante Paul Tillich em meados do século xx, «são seres que transcendem a esfera da experiência comum, em termos de poder e significado, com os quais os homens têm relações que suplantam as relações comuns, em termos de intensidade e importância».

Para os cristãos, a verdade central da existência — a nossa preocupação derradeira, para usar uma expressão de Tillich — acha-se refletida na morte e na ressurreição de Jesus. Sem a Sexta-Feira Santa não existe Páscoa; sem a Páscoa não existe libertação do mal; sem libertação do mal não existe vitória da luz sobre as trevas, ou do amor sobre o ódio, ou da vida sobre a morte.

No entanto, essa vitória é a promessa radical, revolucionária e essencial do cristianismo — uma promessa que nos foi revelada através da Paixão de Jesus. A tarefa de discernirmos — ou, dependendo do nosso ponto de vista, *atribuirmos* — significado à Sexta-Feira Santa e à história do túmulo vazio é um processo simultaneamente histórico e teológico, e foi a construção da fé que modelou, e continua a modelar, as vidas de milhares de milhões de crentes.

Eu faço parte desse numeroso grupo, e este livro consta de uma série de reflexões acerca das Últimas Frases de Jesus crucificado — frases pronunciadas numa Sexta-Feira à tarde, que é, ao mesmo tempo, impossivelmente distante e, no entanto, imaginativamente próxima. Trata-se de um trabalho devocional, não acadêmico. Eu sou um episcopaliano criado e educado na fé, e ficaria desalentado caso os meus próprios filhos pequenos viessem a afastar-se da Igreja em que cresceram. Porém, não sou, de modo algum, um evangélico, dado que não partilho da ideia de que a fé em Jesus é o único caminho para a salvação, nem estou determinado a converter os outros ao meu ponto de vista. «Não me incomoda minimamente que o meu vizinho diga que existem 20 deuses, ou nenhum deus», observou Thomas Jefferson. «Isso nem me vai ao bolso nem me parte

uma perna.» Certa vez, num sermão, John Leland — um destacado pregador batista da Virgínia e do Massachusetts, no século XVIII e no início do século XIX — observou: «A experiência ensina-nos que homens que são igualmente sábios e bons podem divergir quanto a opiniões políticas, bem como teológicas ou matemáticas». Cerca de 1400 anos antes, no século IV, o escritor romano Símaco, argumentando contra os cristãos que queriam remover um altar à divindade pagã Vitória, disse: «Não conseguimos alcançar um tão grande mistério por uma só via.» Concordo.

Então, em que é que eu acredito? Adiro às linhas gerais da fé cristã tal como esta nos chegou através da tradição anglicana. Professo os credos, confesso os meus (muitos) pecados, faço a minha comunhão, digo as minhas orações. E acredito que, ao fazê-lo, estou a participar de uma dramaturgia cujos propósitos derradeiros ainda não consigo — e talvez nunca venha a conseguir — compreender plenamente, mas na qual invisto as minhas esperanças de que, um dia, de algum modo, todas as coisas venham a ser reformuladas.

Uma nota importante: embora este livro tenha começado por ser uma série de sermões — que são, por definição, discursos acerca de assuntos religiosos —, ele trata da iluminação e não da conversão.

A PRIMEIRA FRASE



E também conduziram outros dois, que eram malfetores, para com ele serem mortos. E, quando chegaram ao lugar chamado Calvário, ali o crucificaram, e aos malfetores, um à direita e outro à esquerda. E dizia Jesus:

*Pai, perdoa-lhes,
porque não sabem o que fazem.*

E, repartindo as suas vestes, lançaram sortes. E o povo estava olhando. E também os príncipes zombavam dele, dizendo: Aos outros salvou, salve-se a si mesmo, se este é o Cristo, o escolhido de Deus.

E também os soldados o escarneciam, chegando-se a ele, e apresentando-lhe vinagre.

*E dizendo: Se tu és o Rei dos Judeus,
salva-te a ti mesmo.*

*E também por cima dele, estava um título, escrito em letras gregas, romanas, e hebraicas:
Este É O Rei Dos Judeus.*

LUCAS 23:32-38

Encontramos a primeira das afirmações de Jesus na cruz, exclusivamente no Evangelho segundo São Lucas: «Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem». Faz sentido que a primeira frase seja tão problemática como esta, dado que o dramatismo da cruz é, ele próprio, misterioso.

Recapitulemos, brevemente, aquilo que sabemos acerca do caminho para o Gólgota. Nascido de Maria, uma mulher jovem, Jesus pregou o advento do Reino de Deus, um reino que destronaria os poderes seculares do mundo e que conduziria a um reconhecimento universal do Deus de Israel. «Arrependei-vos», disse ele, «porque o reino dos céus está a chegar». No Evangelho segundo São Marcos, provavelmente o primeiro dos evangelhos, relata-se que Jesus previu o caos vindouro e, depois, a ordem:

Ouvireis de guerras e de rumores de guerras; olhai, não vos assusteis, porque é mister que isso tudo aconteça, mas ainda não é o fim.

Porquanto se levantará nação contra nação, e reino contra reino, e haverá fomes, e pestes, e terremotos, em vários lugares. Mas todas estas coisas são o princípio de dores...

E, logo depois da aflição daqueles dias, o sol escurecerá, e a lua não dará a sua luz,

e as estrelas cairão do céu, e as potências dos céus serão abaladas...

e verá o Filho do homem, vindo sobre as nuvens do céu...

E ele enviará os seus anjos com rijo clamor de trombeta, os quais ajuntarão os seus escolhidos desde os quatro ventos, de uma à outra extremidade dos céus...

Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que todas estas coisas aconteçam.

No seu ministério público Jesus atraiu seguidores devotos. Realizando feitos milagrosos, parecia curar os doentes, exorcizar demónios e, inclusivamente, ressuscitar os mortos. Os relatos da sua entrada triunfal em Jerusalém, na semana anterior à sua derradeira Páscoa Judaica, sugerem que foi acolhido

entusiasticamente na cidade santa pelos peregrinos judeus — e que, por conseguinte, foi visto como uma força destabilizadora pelas autoridades que governavam Jerusalém. (Jesus foi executado no rescaldo de uma atividade antirromana suficientemente sanguinária para ter resultado na condenação de, pelo menos, três outros homens, incluindo Barrabás, que os evangelhos nos dizem ter sido condenado à morte pelo seu papel nesse episódio violento.) Tratava-se, portanto, de uma altura de tumultos e incertezas e, historicamente falando, a crucificação resultou, provavelmente, do facto de as multidões empolgadas terem esperança de que Jesus concretizasse o reino na terra *de imediato*.

Caso Jesus tivesse, verdadeiramente, constituído uma ameaça revolucionária, no sentido tradicional de liderar ou inspirar uma insurreição armada, muito provavelmente, não teria sido a única figura do seu círculo a morrer. Os seus seguidores foram deixados em paz no seguimento da crucificação e tiveram liberdade, no sentido mais amplo do termo, para se instalarem em Jerusalém enquanto engendravam um novo entendimento do significado da morte de Jesus na cruz e do túmulo vazio. Questões complexas e grandes temas — na realidade, os maiores que conseguimos conceber. E porque não? O empreendimento

cristão, derivado das suas raízes no judaísmo, prende-se com uma cosmologia que tenta justificar os aparentes triunfos do mal e que afirma a convicção de que a justiça e a bondade prevalecerão. *Claro* que isto é complicado.

As Sete Últimas Frases foram recolhidas de diferentes relatos evangélicos como um exercício devocional e há muito que a igreja decidiu iniciar os seus serviços de Sexta-Feira Santa com as palavras de absolvição de Jesus. No entanto, parece-me que retiramos uma lição errada da declaração de perdão de Jesus, caso a leiamos — como muitos pregadores fazem — enquanto afirmação da amplitude da misericórdia de Deus. Vejam, têm afirmado sermões atrás de sermões, vejam a espantosa graça de Jesus; mesmo na dor mais gritante e na agonia mais requintada, o Filho do homem acolhe todos os pecadores, alargando a salvação aos torturadores que estão empenhados em assassiná-lo.

É verdade que o tema do perdão é um elemento poderoso no Evangelho segundo São Lucas e não só. (Dante referir-se-ia a Lucas como «o escriba da gentileza de Cristo».) No início, é Lucas que relata o ensinamento de Jesus para que «Amem os vossos inimigos. Façam o bem aos que vos odeiam. Orem pela felicidade dos que vos amaldiçoam. Bendigam

«Um dos livros mais esperados do ano.»

Newsweek

«Uma contribuição necessária
para o estudo do Cristianismo.»

Kirkus Reviews

Neste livro ímpar, Jon Meacham destaca as sete últimas frases de Jesus, conforme foram gravadas nos Evangelhos, e usa-as para pensarmos a nossa relação com Deus. Num registo mais intimista do que é habitual, o conceituado autor combina Teologia e História para realçar e descrever a herança espiritual das últimas palavras de Cristo antes da crucificação.

Para Jon Meacham, bem como para os crentes em todo o mundo, os eventos da Sexta-Feira Santa e da Páscoa revelam verdades essenciais sobre a fé cristã, que aqui são partilhadas com todos. Mais do que uma nova tradução daquelas sete frases marcantes, *As Últimas Palavras de Jesus* é um memorável livro de sermões que deve ser lido naqueles momentos em que se procura o sentido da vida e se precisa da força das palavras do Senhor.

«Sem a Sexta-Feira Santa não existe Páscoa; sem a Páscoa não existe libertação do mal; sem libertação do mal não existe vitória da luz sobre as trevas, ou do amor sobre o ódio, ou da vida sobre a morte.»

 <p>FAROL a luz da sua vida 20 20 editora</p>	<p>ISBN 978-989-564-499-5</p>  <p>9 789895 644995</p> <p>Religião</p>
---	--